



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ANANINDEUA
FACULDADE DE QUÍMICA

CARLOS EDUARDO CONCEIÇÃO RODRIGUES

**ANÁLISE DO ENSINO INCLUSIVO DE ALUNOS SURDOS NAS AULAS DE
QUÍMICA EM UMA ESCOLA DA REDE ESTADUAL DO MUNICÍPIO DE
ANANINDEUA - PA**

Ananindeua - PA
2020

CARLOS EDUARDO CONCEIÇÃO RODRIGUES

**ANÁLISE DO ENSINO INCLUSIVO DE ALUNOS SURDOS NAS AULAS DE
QUÍMICA EM UMA ESCOLA DA REDE ESTADUAL DO MUNICÍPIO DE
ANANINDEUA - PA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Faculdade de Química, do Campus Universitário de Ananindeua, da Universidade Federal do Pará, como requisito para a obtenção do grau de Licenciado em Química.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Cardoso Borges

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

R696 Rodrigues, Carlos Eduardo Conceição
Análise do ensino inclusivo de alunos surdos nas aulas de química em uma escola da rede estadual do município de Ananindeua / Carlos Eduardo Conceição Rodrigues. — 2020. 43 f.

Orientador(a): Prof. Dr. Fábio Cardoso Borges
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Curso de Química, Campus Universitário de Ananindeua, Universidade Federal do Pará, Ananindeua, 2020.

1. Ensino inclusivo. 2. Alunos surdos. I. Título.

CDD 370.98115

CARLOS EDUARDO CONCEIÇÃO RODRIGUES

**ANÁLISE DO ENSINO INCLUSIVO DE ALUNOS SURDOS NAS AULAS DE
QUÍMICA EM UMA ESCOLA DA REDE ESTADUAL DO MUNICÍPIO DE
ANANINDEUA - PA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Faculdade de Química, do *Campus* Universitário de Ananindeua, da Universidade Federal do Pará, como requisito para a obtenção do grau de Licenciado em Química.

Data da Aprovação: 18/02/2020

Conceito: Excelente

Banca Examinadora

Prof. Dr. Fábio Cardoso Borges
Orientador – UFPA

Prof. Dr. Marcos Benedito Caldas Costa
Examinador Interno – UFPA

Prof. Dr. Paulo Celso Santiago Bittencourt
Examinador Interno – UFPA

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, em seguida a toda minha família em especial aos meus pais, Amarildo Rodrigues e Josiane Conceição, que sempre nos incentivaram a estudar e hoje tudo que sou e onde cheguei devo a eles. Sou grato a todos meus amigos e aos que fiz durante essa caminhada, especialmente aos integrantes do nosso quarteto nada fantástico, Gilmar dos Santos, Italo Dias e Witalo Leal, só tenho a agradecer por toda ajuda e risadas que demos juntos ao longo do curso, desejo toda sorte do mundo pra cada um de vocês.

Quero agradecer à Universidade Federal do Pará e a todo seu corpo docente que de certa forma contribuíram para minha formação, e ao professor Fábio Borges, responsável pela orientação desse trabalho.

Agradeço a SAEST (Superintendência de Assistência Estudantil) pela concessão da bolsa do projeto “Cursinho Comunitário Pré-Vestibular na Região Metropolitana”, junto ao coordenador Prof. Dr. Francivaldo Nunes.

Também agradeço à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pela concessão da bolsa do programa Residência Pedagógica, junto a prof.^a Janes dos Santos, coordenadora do subprojeto de química/Ananindeua e a prof.^a Karla Gatinho, preceptora no programa. Fica aqui meu agradecimento a minha amiga Aline Oliveira, que dispõe de seu tempo e atuou como minha coorientadora.

E por fim agradeço a todos que de certa forma contribuíram para realização deste trabalho, muito obrigado.

“Para uma pessoa ter vontade de ensinar algo: Ele ou quer passar os seus sucessos em frente ou quer passar suas falhas”.
(Matsui, Yuusei; **Ansatsu Kyoushitsu**, 2012-2016.)

RESUMO

O desenvolvimento desta pesquisa surgiu a partir da necessidade de se constatar a efetividade do ensino inclusivo oferecido por uma escola estadual do município de Ananindeua. Para tal, buscou-se realizar uma análise deste ensino inclusivo para alunos surdos, durante as aulas de química. Assim, foi necessário conhecer a realidade do ensino inclusivo, identificar as principais metodologias adotadas pelos professores durante o ensino e avaliação dos mesmos e conhecer as principais dificuldades enfrentadas por professores e alunos durante o processo de ensino e aprendizagem. Para tanto, utilizou-se o método qualitativo, onde fez-se uso das observações, junto a aplicação de questionários para professores e alunos surdos como técnica de coleta de dados, sendo esta realizada no período de 18 a 29 de novembro de 2019. Diante disso, verificou-se que aspectos básicos necessários para o desenvolvimento do ensino inclusivo estão sendo oferecidos, porém vale direcionar o olhar para a formação dos professores, tendo em vista que se constatou que estes docentes atuantes na área, não possuem formação específica.

Palavras-chave: Surdos, ensino inclusivo.

ABSTRACT

The development of this research arose from the need to verify the effectiveness of inclusive education offered by a state school in the municipality of Ananindeua. To this end, we sought to conduct an analysis of this inclusive education for deaf students, during chemistry classes. Thus, it was necessary to know the reality of inclusive education, to identify the main methodologies adopted by teachers during their teaching and evaluation and to know the main difficulties faced by teachers and students during the teaching and learning process. For that, we used the qualitative method, where observations were used, together with the application of questionnaires for teachers and deaf students as a data collection technique, which was carried out in the period from 18 to 29 November 2019. In view of this, it was found that basic aspects necessary for the development of inclusive education are being offered, but it is worth directing a look at the training of teachers, given that it was found that these teachers working in the area do not have specific training.

Keywords: Deaf, inclusive education.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Perfil da amostra professor	22
Tabela 2 – Perfil da amostra aluno	23
Tabela 3 – Pergunta elaborada para alunos da E.E.E.F.M Luiz Nunes Direito, relacionado a comunicação por intermédio da língua de sinais	25
Tabela 4 – Pergunta elaborada para alunos da E.E.E.F.M Luiz Nunes Direito, relacionado a existência de intérpretes ao longo dos seus estudos	25
Tabela 5 – Pergunta elaborada para alunos da E.E.E.F.M Luiz Nunes Direito, relacionado aos meios de inclusão proporcionados pela instituição de ensino	26
Tabela 6 – Pergunta elaborada para alunos da E.E.E.F.M Luiz Nunes Direito, relacionado ao sentimento de inclusão na sala de aula	27
Tabela 7 – Pergunta elaborada para alunos da E.E.E.F.M Luiz Nunes Direito, relacionado a importância do ensino da química	28
Tabela 8 – Pergunta elaborada para professores da E.E.E.F.M Luiz Nunes Direito, relacionado a disciplinas inclusivas oferecida pela instituição de ensino formadora dos mesmos	31
Tabela 9 – Pergunta elaborada para professores da E.E.E.F.M Luiz Nunes Direito, relacionado a cursos de especialização na área	31

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
1.1 Objetivos	10
1.1.1 Objetivo geral	10
1.1.2 Objetivos específicos	10
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	11
2.1 Surdez: suas concepções	11
2.2 Histórico da educação dos surdos.....	12
2.2.1 Início do processo educacional.....	13
2.3 Escolas inclusivas	16
2.4 Formação de professores	19
3. METODOLOGIA.....	22
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	24
4.1 Análise dos dados dos alunos.....	24
4.1.1 Inclusão perspectiva dos alunos.....	24
4.1.2 Química na perspectiva dos alunos surdos.....	27
4.2 Análise de dados dos professores.....	29
4.2.1 Pensamento sobre a inclusão.....	29
4.2.2 Formação dos professores.....	30
4.2.3 Ensino de química.....	31
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS.....	36
ANEXOS	40

1. INTRODUÇÃO

Quando tratamos de ensino de educandos surdos, nos deparamos com o que talvez seja uma das principais barreiras criadas, sendo ela a comunicação, é fato que nenhum professor sai de uma graduação fluente na língua de sinais, mesmo após o decreto que oficializa o ensino da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) nos cursos de formação de professores e fonoaudiologia. A educação de pessoas surdas além de toda dificuldade comunicacional criada pela sociedade oralista, ainda se depara com o preconceito, para com sua diferença. (LIMA; MELO, 2017).

Durante um longo período a educação dos surdos foi tida como algo complexo, tendo em vistas que, ocorria o questionamento se realmente era possível ensinar a quem não podia ouvir, sendo assim, a surdez era vista somente como uma deficiência, tendo além do professor outros profissionais responsáveis pelo aprendizado, como fonoaudiólogos e médicos. (ROSA, 2013).

A percepção da surdez como uma diferença sociocultural, surgiu após muitas lutas e a partir desse ponto temos um novo olhar para o ensino de pessoas surdas. Assim temos o surgimento do ensino inclusivo, onde o mesmo busca contemplar em sua totalidade o atendimento a diversidade de alunos presentes no âmbito escolar. Segundo Lacerda (2006) o ensino inclusivo torna-se uma excelente proposta, em razão do reconhecimento a diversidade presente no âmbito escolar, porém em relação aos integrantes dessa diversidade, o ensino pode torna-se insatisfatório já que, os mesmos necessitam de algumas condições que tornam sua inserção propícia.

Diante do fato de que, grande parte das escolas brasileiras não dispõem de condições adequadas para atender estes alunos e assim possibilitar um ensino de fato inclusivo, surgiu o seguinte questionamento: Como ocorre o processo de inclusão de alunos surdos nas aulas de química? A fim de investigar a realidade do ensino inclusivo, e assim buscar constatar se de fato ocorria o processo de inclusão de alunos surdos.

Para o desenvolvimento do presente trabalho além das observações em sala de aula, fez-se uso de questionários destinados a coleta de dados. Por meio dos questionários buscou-se conhecer as perspectivas de professores e alunos surdos a respeito do ensino inclusivo durante as aulas de química.

Em sua organização, o trabalho segue estruturado em quatro partes a partir desta introdução. Na primeira faz-se a fundamentação teórica da pesquisa,

abrangendo os aspectos sobre as diversas concepções a respeito da surdez, o histórico da educação dos surdos, e formação de professores. Na segunda parte têm-se os procedimentos metodológicos utilizados para realização deste trabalho. Na terceira parte expõe-se os resultados obtidos e fazem-se as discussões sobre as evidências produzidas. Por fim, têm-se as considerações finais.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo geral:

O objetivo deste trabalho é analisar o ensino inclusivo de alunos surdos durante as aulas de química.

1.1.2 Objetivos específicos:

- Conhecer a realidade do ensino inclusivo.
- Identificar as principais metodologias adotada por parte dos docentes para o ensino e avaliação.
- Conhecer as principais dificuldades enfrentadas durante o processo de ensino e aprendizagem.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Surdez: suas concepções

Para os seres humanos, qualquer diferença gera uma estranheza, e isso é o que acontece com os ouvintes em relação aos surdos, levamos em consideração somente os aspectos médicos, do qual fazemos uso para rotularmos de forma equivocada, pondo os mesmos como deficientes, ao fazermos isso deixamos de lado os aspectos socioculturais, dos quais os surdos tanto lutaram.

De acordo com os aspectos socioculturais devemos encarar a surdez como uma diferença cultural e linguística, como destaca o seguinte trecho:

As pessoas Surdas devem ser consideradas, na sua condição, de formadoras de uma comunidade linguística minoritária. É preciso que se entenda que ser surdo não significa ter nascido em algum lugar determinado ou integrar uma família específica com as mesmas características. Além disso, os Surdos são possuidores de uma língua de modalidade viso-espacial, cuja expressão e recepção se diferenciam daquelas de modalidade oral e auditiva. (SILVA, 2016).

Devemos esquecer as rotulações equivocadas que empregamos aos surdos, e perceber que os mesmos pertencem a uma comunidade linguística diferente, pois estes detêm da modalidade viso-espacial. Por meio dessa dificuldade da comunicação oral, podemos ver o surgimento de uma cultura diferenciada, já que temos que levar em consideração que muitos surdos não se veem como deficientes, mas sim como pessoas que pertencem a uma minoria linguística.

De acordo com Sá (2006), podemos definir uma pessoa surda, sendo aquela que apresenta um déficit de audição, o que acarreta uma dificuldade de obter de maneira natural a língua oral/auditiva, utilizada pela maioria da sociedade e por meio dessa diferença das pessoas que dispõe da comunicação oral, que os mesmos constroem sua identidade.

Portanto, haja vista que temos os surdos como membros de uma comunidade linguística diferente, devemos abolir a percepção criada a respeito dos mesmos, na qual, o encaramos como deficientes, sendo que acabamos esquecendo que tal diferença é responsável pela construção dessa identidade diferenciada.

A discriminação a respeito do diferente, está enraizada na sociedade independente do grupo, optamos por julgar a partir do estereótipo, ao realizarmos esta ação esquecemos a história das lutas, tanto de superação e principalmente de

aceitação. Essa busca por aceitação, não se dá por parte de si mesmo para com sua diferença, mas sim por parte da sociedade em perceber, que mesmo pertencendo a um mesmo país, estado ou cidade, detemos grupos com culturas diferentes, tal diferença cultural surge a partir dessas singularidades.

Em vista disso, as ideias abordadas estariam de acordo com a proposta, que segundo Gesser (2009), os surdos são rotulados por sua diferença. Sendo assim:

[...] Infelizmente, o povo surdo tem sido encarado em uma perspectiva exclusivamente fisiológica (déficit de audição), dentro de um discurso de normalização e de medicalização, cujas nomeações, como todas as outras, imprimem valores e convenções na forma como o outro é significado e representado. (GESSER, 2009)

Devemos ter em mente que, somos muito além das diferenças que apresentamos. Ao percebermos as diversidades existentes ao nosso redor, estaremos reconhecendo a existência cultural dos mesmos, já que o objetivo está em fazer com que a sociedade reconheça os surdos como detentores de uma comunidade linguística diferenciada e não mais serem rotulados de forma equivocada como deficientes, por não desenvolverem a comunicação oral.

2.2 Histórico da educação dos surdos

Atualmente muito se discute acerca de uma educação para todos, porém a história vem nos apresentar fatos comprobatórios, demonstrando que nem sempre tivemos esse pensamento, pois durante um longo período tivemos a exclusão não somente dos surdos, mas de todos com algum tipo de diferença. Sendo assim vale ressaltar a importância desse assunto, já que o mesmo acarretou marcas históricas que permeiam até hoje.

A sociedade sempre menosprezou, qualquer tipo de diferença, sempre julgando os mesmos como incapazes, pois:

Acreditava-se que as pessoas com deficiência não podiam ser educadas, pois eram consideradas como aberrações da natureza; portanto foram vários os períodos em que estas pessoas foram consideradas como incapazes, não podendo participar de qualquer tipo de vida "normal". (DILLI, 2010).

A privação ao acesso à educação foi dada a pessoas que foram julgadas incapazes de possuírem uma vida tida como "normal", por conta de uma heterogeneidade, ou seja eram excluídas do convívio social por conta do estereótipo.

Vivemos em uma sociedade onde o oralismo sempre prevaleceu, e a falta dessa comunicação constantemente promove preconceitos, pois associamos a fala e audição com o intelecto do indivíduo, como demonstra o trecho:

Assim, na antiguidade, os sujeitos surdos eram estereotipados como “anormais”, com algum tipo de atraso de inteligência, devido à ausência de trabalho e pesquisas científicas desenvolvidos na área educacional. Para a sociedade, o “normal” era que: é preciso falar e ouvir para ser aceito, então os sujeitos surdos eram excluídos da vida social e educacional. (STROBEL, 2006).

Sendo assim fica claro que o julgamento pelo estereótipo sempre foi presente na história, levando pessoas a exclusão do convívio social. Como a educação do ensinar a ler e escrever, era concedida somente a pessoas tidas como “normais”, ocasionou a marginalização dos demais, que eram vistos como incapazes do desenvolvimento intelectual.

A falta do oralismo, gerou um retardamento imensurável no processo educacional à comunidade surda, em razão desta dificuldade na comunicação com o restante da sociedade. Tal dificuldade era associada a um atraso intelectual, o que aumentou ainda mais o preconceito para com os mesmos.

Em vista disso, vale ressaltar o pensamento de Strobel. “Nessa fase, não havia a preocupação de formação educacional de sujeitos surdos, uma vez que os mesmos não eram vistos como cidadãos produtivos ou úteis à sociedade.” (STROBEL, 2006)

Portanto, durante o processo histórico pudemos destacar o menosprezo para com os surdos, tendo em vista que os mesmos foram privados ao acesso à educação. Faz-se necessário salientar tais acontecimentos, pois através destes podemos compreender a evolução do processo de inclusão educacional dos mesmos. Percebe-se que durante um longo período, este menosprezo causado pela falta de comunicação, acarretou na exclusão social, pois eram vistos como incapazes e conseqüentemente tidos como pessoas improdutivas.

2.2.1 Início do processo educacional

Como já sabemos durante séculos os surdos foram excluídos do processo educacional, porém de acordo com os registros históricos, vemos o surgimento deste feito durante a idade média por parte das famílias nobres. Neste período, os pais ricos que tinham filhos surdos começaram a pagar aulas particulares para que seus filhos aprendessem a falar, ler e escrever. (CRUZ; ARAUJO, 2016). Sendo assim, cabe

destacar o seguinte questionamento, quais os fatores que proporcionaram essa inclusão? A resposta está no interesse por parte dessas famílias. Desta forma, ao conhecer tais interesses podemos compreender o início deste processo.

O ensino dos surdos durante esse período estava somente destinado a pessoas com condições financeiras, capazes de pagar aulas particulares para que seus filhos desenvolvessem as principais práticas da comunicação oral.

O desenvolvimento da fala, leitura e escrita escondia interesses por parte das famílias nobres, já que os direitos eram somente garantidos a pessoas que pudessem verbalizar, “A possibilidade do Surdo falar implicava no seu reconhecimento como cidadão e conseqüentemente no seu direito de receber a fortuna e o título da família”.(MOURA, 1999 p.18)

De acordo com registros, temos a identificação do primeiro professor de surdos, sendo um monge beneditino. Tendo em vista o período que se deu início as práticas de ensino, onde somente pessoas que pudessem oralizar detinham seus direitos, as primeiras técnicas se dão de forma totalmente oralista, ou seja prezavam pela escrita e a fala, como destaca o trecho:

O primeiro professor de surdos conhecido chamava-se Pedro Ponce de Leon. As estratégias de ensino desses professores visavam sempre a língua falada, porém oralizar quem não escuta é um tanto quanto complexo, então os docentes recorriam à língua escrita e usavam-na como ponto de partida para seus trabalhos. (ROSA, 2013)

Como a oralização de quem não podia escutar era muito difícil, tal prática gerou embates a procura de uma melhor forma educacional para os mesmos. Essa briga levou a criação e utilização de diversas práticas de ensino. Segundo Luz (2016), a busca pela melhor metodologia causou uma divergência entre os educadores, já que alguns utilizavam a língua auditiva-oral, como o principal meio metodológico, já outros priorizavam a língua de sinais, datilologia¹ e há quem utilizasse todas ao mesmo tempo.

Por meio dessa divergência ocasionada pela dificuldade enfrentada pelo ensino que priorizava o oralismo, vemos o surgimento de uma metodologia diferenciada, onde visava a comunicação gestual.

Dentre os defensores do gestualismo está o francês Charles M. De L'Épée, primeiro estudioso sobre a língua de sinais e criador do primeiro método educacional que valorizasse também a língua gestual. O método criado foi chamado de “sinais metódicos”, que consiste em os educadores aprenderem

¹ Conhecida como alfabeto manual, é utilizada para informar ou representar coisas que ainda não possuem um sinal na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).

a língua de sinais para se comunicarem com os surdos e então utilizá-la para ensinar a língua falada e escrita da sociedade em que vivem. (ROSA, 2013)

A comunicação gestual recebeu o nome de sinais metódicos. Uma das principais diferenças do método anterior era que, neste os educadores deveriam aprender a língua de sinais para poderem se comunicar com os educandos surdos durante as aulas.

Durante o século XVIII, com a eficiência demonstrada pelo método do gestualismo, temos sua expansão para diversos países, acarretando em conquista de cidadania por parte de alguns surdos, de acordo com Sacks.

Esse período que agora parece uma espécie de época áurea na história dos surdos testemunhou a rápida criação de escolas para surdos, de um modo geral dirigidos por professores surdos, em todo o mundo civilizado, a saída dos surdos da negligência e da obscuridade, sua emancipação e cidadania, a rápida conquista de posições de eminência e responsabilidade – escritores surdos, engenheiros surdos, filósofos surdos, intelectuais surdos, antes inconcebíveis, tornaram-se subitamente possíveis (SACKS, 1989).

Mesmo com o sucesso alcançado pelo gestualismo, com o passar do tempo o mesmo foi perdendo sua força e assim vemos o método oralista reaparecer com força. “A posição do sujeito surdo foi afetada pela obrigatoriedade da oralização a partir do Congresso de Milão, em 1880”. (MOREIRA; SILVA, 2013). Já que por intermédio deste congresso, decidiu-se pela retirada do ensino por meio da língua de sinais.

Com a volta do oralismo, junto com o avanço da medicina, traz consigo novamente o preconceito para com os surdos, já que temos a volta da definição equivocada de que os mesmos são detentores de uma deficiência, da qual o progresso da medicina pode proporcionar a cura. Sendo assim:

Deste modo, o ouvintismo ganhou legitimidade pelos discursos científicos, em especial, da Medicina, da Logopedia e das áreas clínicas em geral, em pleno florescimento no século XX. Torna-se mais refinado o poder ouvintista sobre os surdos e houve avanços na visão clínica, que faziam das escolas dos surdos espaços de reabilitação de fala e treinamento auditivo, preocupando-se apenas em “curar” os surdos que eram vistos como “deficientes” e não em educar. (STROBEL, 2006)

Com esse avanço surgem processos cirúrgicos que prometem fazer com que os surdos possam voltar a ouvir e conseqüentemente falar, e assim faz-se uso das escolas destinadas aos surdos, clínicas voltadas para essa “recuperação” dos mesmos, já que: “O ponto forte no oralismo é a incansável busca por alternativas que façam dos sujeitos surdos, ouvintes” (ROSA, 2013). Destacamos como principal processo o implante coclear, onde por meio de uma cirurgia é implantado um

dispositivo eletrônico, que estimula por meio de eletrodos as fibras neurais, e assim permitindo que o mesmo possa ouvir.

Se tratando do início do ensino dos surdos em nosso país temos que, segundo Goldfeld (1997) ainda no ano de 1885 temos a chegada do professor francês Hernet Huet, vindo a pedido do então imperador D. Pedro II, para dar-se início aos trabalhos em relação a educação de surdos no Brasil e no dia 26 de dezembro de 1857 fundou-se no Brasil o Instituto Nacional de Surdos-mudos, atualmente denominado Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), no qual temos a utilização da língua de sinais.

Com a criação do Instituto Imperial de Surdos-Mudos temos o início a educação de surdos em nosso país. “Esse instituto foi referência em toda a América Latina, recebendo pessoas surdas de famílias abastadas de todo o continente.” (SOUZA, 2018).

Durante um determinado período o ensino de educandos surdos em nosso país se deu totalmente de acordo com a metodologia que se faz uso da língua de sinais, porém, “O INES em 1911, seguindo a tendência mundial, adota a filosofia oralista em todas as disciplinas e em 1957, a língua de sinais foi abolida de vez da sala de aula”. (POZZER, 2015).

Seguindo os resquícios deixados pelo congresso de Milão, o Brasil, durante um longo período deixa de pôr em prática o ensino por meio da língua de sinais, e assim dando ênfase ao ensino oralista. Deste modo, percebemos os altos e baixos vividos pela educação dos surdos no decorrer da história. Mesmo comprovando a ineficácia do ensino oralista, já que tal metodologia torna se ineficiente ao tentar suprir todas as necessidades dos mesmos, essa sempre deteve um predomínio acerca das demais metodologias, pelo simples fato de o meio que vivemos ser de maioria oralista. De acordo com Pozzer (2015) mesmo com a proibição da língua de sinais dentro das salas de aulas por um período, tal língua não foi abolida da comunidade surda, tendo em vista que estes acabavam utilizando a mesma durante os intervalos das aulas para se comunicarem.

2.3 Escolas inclusivas

Atualmente nas escolas brasileiras, percebemos a integração de educandos surdos em salas de aulas regulares, com o objetivo de incluir esses alunos,

demonstrando que sua diferença não o torna inferior aos demais. A educação em nosso país ao longo dos anos sofreu evoluções, que propiciaram essa inclusão. Nesse caso, cabe ressaltar o processo de inserção no ensino e conhecer as dificuldades enfrentadas por esses alunos.

Segundo Silva (2009) no Brasil surge a ideia de inclusão escolar graças a dois eventos que discutiram o fracasso escolar, sendo o primeiro evento a Conferência Mundial da Educação, ocorrido na Tailândia no ano de 1990, o segundo evento, a Conferência de Salamanca ocorrida no ano de 1994, na Espanha.

Dentre essas, cabe destacar a conferência de Salamanca, já que esta vem discutir sobre a importância da inclusão em escolas regulares. “Apesar de não ter força de lei, esse documento traz em seu conteúdo alguns aspectos norteadores para a realização da inclusão na área educacional” (GALETTO et al., 2016)

Nesse contexto, ressalta-se a importância de que as escolas regulares sejam orientadas sobre a educação inclusiva, com objetivo de constituir meios mais eficazes de combater atitudes discriminatórias ao criar uma comunidade acolhedora e construindo uma sociedade inclusiva e com educação para todos (BRASIL, 1994).

Esta conferência desempenhou um grande papel, no aspecto de orientação de como deveria se dar o processo de inclusão em escolas regulares, a fim de evitar discriminações. Tais orientações tornam-se essenciais, pois:

A interação do aluno com surdez em classe regular é complexa. É preciso ser feita com muito estudo, trabalho e dedicação de todas as pessoas envolvidas no processo: aluno com deficiência auditiva, família, professores, fonoaudiólogos, psicólogos, assistentes sociais, alunos ouvintes e demais elementos da escola. (BRITO, 2013)

O processo de inclusão desses alunos não é algo fácil, já que para inserirmos os mesmos em um ambiente onde a comunicação oral ainda é predominante, deve-se realizar um trabalho árduo, com vários membros participando nesse processo.

Em nosso país ainda persiste um grande problema, no qual os alunos surdos são postos em escolas sem o mínimo de preparo, sendo assim: “Existe ainda a necessidade de construir espaços educacionais na perspectiva de educação de qualidade para todos, que as escolas ajustem-se às necessidades dos alunos, quaisquer que sejam suas necessidades” (CARVALHO, 1993).

Segundo Strobel (2006), nosso ensino é algo “deprimente”, já que o governo simplesmente entende a inclusão sendo, introduzir um educando surdo em uma sala de aula regular, onde ainda possuímos professores sem capacitação para lidar com esse aluno.

Portanto, o ensino inclusivo vai além de inserir educandos com algum tipo de necessidade em turmas regulares, pois faz-se necessário integrar o mesmo ao meio, mas para a realização de uma inclusão bem-sucedida, deve-se pôr em prática as leis que garantem tal acesso, já que:

Para a área da surdez, existem leis que asseguram a educação para essas pessoas, como a lei 10.436/2002, o decreto 5.626/2005 (que regulamenta a lei de Libras), lei 12.319/2010 (conhecida como lei do intérprete) e também a lei 3.005/2014 (Plano Nacional de Educação, que traz na meta 4 objetivos para a educação inclusiva). (GALETTO et al., 2016).

Tendo em vista que o Brasil detém leis que garantam o acesso e ensino desses educandos nas classes, faz-se necessário pensar em como fazer com que tais alunos se sintam parte da sala de aula, deste modo:

É importante se pensar na questão curricular do ambiente inclusivo para Surdos porque não se pode esquecer que ele está numa sala onde os alunos absorvem o conhecimento de outra forma, pelo canal auditivo. Esse novo contexto faz com que os professores busquem conhecer as particularidades do seu aluno Surdo, para que ele não fique excluído dentro da própria sala de aula. (SILVA, 2016).

Embora estes alunos estejam inseridos em classes onde os demais alunos adquiram conhecimento pelo canal auditivo, o ensino de alunos surdo deve levar em consideração o canal receptivo dos mesmos, sendo o viso-espacial, deste modo o ensino por intermédio da Libras se faz necessário, tal método de ensino é denominado bilíngue. Deste modo: “São denominadas escolas ou classes de educação bilíngue, aquelas em que a Libras e a modalidade escrita da Língua Portuguesa sejam línguas de instrução utilizadas no desenvolvimento de todo o processo educativo”. (BRASIL, 2005, Artigo 22, §1º)

Posto isso, vale ressaltar a importância do ensino bilíngue, já que a inclusão na educação tem por finalidade reconhecer a relevância da diversidade presente dentro de uma mesma classe.

Estudos confirmam que essa abordagem por meio do bilinguismo corresponde melhor às necessidades do aluno surdo, pelo fato de respeitar e considerar a língua materna e também construir um ambiente adequado para a aprendizagem escolar, e acima de tudo as especificidades e diferenças de cada aluno. (ALVES; FERREIRA; DAMÁZIO, 2010)

O ensino por meio do bilinguismo tenta suprir uma das principais dificuldades enfrentadas no ensino inclusivo, no qual temos a diferença no modo de aprendizado entre os alunos. Embora o ensino inclusivo seja amparado por lei, o mesmo encontra diversas dificuldades para ser posto em prática, de acordo Lacerda (2006) para o sucesso do ensino inclusivo, faz-se necessário a obtenção de professores

capacitados, uma adequação nos componentes curriculares, melhorarmos os aspectos didáticos e metodológicos e principalmente adquirir conhecimento a respeito da surdez e sobre a língua de sinais.

2.4 Formação de professores

Ao falarmos em educação inclusiva, chega a ser quase unânime a resposta entre os docentes, de que, sua formação acadêmica não o preparou suficientemente para lidar com alunos que necessitem de atendimentos específicos. Sendo assim, vale ressaltar o processo de formação destes docentes, que geralmente carregam a culpa pelo fracasso escolar.

São grandes as dificuldades enfrentadas por docentes recém-formados, pois:

Um curso de licenciatura dificilmente prepara o professor para lidar com as diversas situações que irá enfrentar e a formação dada é básica, mas não suficiente. Destacamos, então, a importância da formação continuada, organizada pelas próprias instituições formadoras, que poderia acontecer de diversas maneiras: cursos, centros de estudos, encontros mensais de professores para troca de experiências, entre outras alternativas que propiciem ao professor sanar suas dúvidas e desenvolver melhor seu trabalho, pois compreendemos que a formação do professor para incluir alunos com NEE não depende apenas de seus conhecimentos sobre educação especial, mas de sua formação global: teórica, técnica, política, social e emocional. (SILVA, 2014)

Pelo simples fato de as universidades brasileiras proporcionarem somente uma formação básica para esses profissionais trabalharem com alunos com algum tipo de dificuldade específica, faz-se necessário a continuidade na formação.

A falta de uma formação adequada acarreta em problemas pertinentes, no caso temos a exclusão de alunos, por parte desses docentes. Já que, “para os professores é muito difícil incluir as crianças com necessidades especiais tanto por insegurança como também por não saberem como incluí-los ou por não terem uma devida formação para tal trabalho”. (ROMUALDO; BEZERRA; CARLOS, 2016)

Dessa maneira, uma boa formação é essencial para todas as áreas profissionais, e para educação não é diferente. Atualmente a diversidade dentro das salas de aulas é enorme, “diante do exposto, avaliamos que o despreparo e a falta de conhecimentos estão diretamente relacionados com a formação ou capacitação recebida”. (PLETSCH, 2009)

A formação docente no Brasil, tem muito a melhorar, pois não capacita o profissional para enfrentar a pluralidade encontrada dentro das escolas, tal

capacitação deveria ter início ainda durante a graduação e não somente após, em uma formação continuada, tendo em vista que, muitos desses profissionais ao saírem das universidades, acabam por não buscarem tal especialização, e assim podendo acarretar em resultados negativos para educação.

Dessa forma, a proposta adotada estaria de acordo com a formação inicial, que segundo Silva (2014) a preparação destes profissionais, para uma educação inclusiva, deve começar ainda na formação inicial. Sendo assim:

Na sua formação inicial, nos cursos de licenciatura, os professores devem ser preparados para compreender e assumir o processo de inclusão de alunos com NEE (Necessidades Educativas Especiais), tornando-se aptos para organizar seu planejamento e executar suas atividades, proporcionando a interação dos mesmos e promovendo sua socialização com os colegas de turma. (SILVA, 2014).

Na perspectiva do ensino de educandos surdos, temos como formação básica, o ensino de libras como componente curricular dentro das universidades, de acordo com o artigo terceiro do Decreto nº 5.626/2005:

Art. 3º A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

§ 1º Todos os cursos de licenciatura, nas diferentes áreas do conhecimento, o curso normal de nível médio, o curso normal superior, o curso de Pedagogia e o curso de Educação Especial são considerados cursos de formação de professores e profissionais da educação para o exercício do magistério.

§ 2º A Libras constituir-se-á em disciplina curricular optativa nos demais cursos de educação superior e na educação profissional, a partir de um ano da publicação deste Decreto. (BRASIL, 2005).

Desse modo, torna-se obrigatório o ensino de Libras nas instituições de ensino superior. Segundo Silva et al., (2017) ao implementar a disciplina de libras em cursos que visam a formação de professores e nos cursos de fonoaudiologia, tem-se como finalidade a preparação desses docentes em formação, para receber alunos surdos nas classes regulares, como visa a legislação sobre inclusão dos mesmos.

Devemos levar em consideração que, a inclusão desta disciplina se dar em caráter básico, ou seja, para um maior aprofundamento é necessário dar-se início ao processo de formação continuada, pois:

O domínio teórico-didático na área é crucial para o professor realizar a intervenção adequada no contexto de ensino para surdos. O professor deve ser capaz de analisar os domínios de conhecimento dos alunos, suas necessidades no processo de aprendizagem, bem como elaborar atividades, criar e adaptar materiais. (SILVA; BENASSI, 2014)

Para estarem aptos a trabalharem com a educação inclusiva de alunos surdos, faz-se necessário que durante sua formação, a inserção da disciplina de libras torne-se de grande valor, pois através da mesma este docente em formação começará a desenvolver tais habilidades e competências necessárias para um professor que encontrará esses educandos durante sua vida docente.

3. METODOLOGIA

A pesquisa realizada demonstrou-se de natureza qualitativa, onde buscou-se realizar uma análise de conteúdo por meio da aplicação de questionários para os seguintes sujeitos, professores e alunos surdos de uma escola da rede estadual do município de Ananindeua.

Para coleta de dados utilizou-se questionários, podemos definir o material de apoio utilizado na coleta de dados, sendo ele:

Um instrumento de investigação que visa recolher informações baseando-se, geralmente, na inquirição de um grupo representativo da população em estudo. Para tal, coloca-se uma série de questões que abrangem um tema de interesse para os investigadores, não havendo interação direta entre estes e os inquiridos. (AMARO; PÓVOA; MACEDO, 2004)

A E.E.E.F.M. Luiz Nunes Direito, encontra-se localizada no Bairro da Cidade Nova IV, Município de Ananindeua, integrando a região metropolitana de Belém, foi fundada em 28/03/1980. Foi estabelecida como lócus da pesquisa pelos seguintes fatores: a mesma detém em seu quantitativo, alunos surdos matriculados em turmas regulares e pelo fato de a mesma ser parceira no projeto Residência Pedagógica UFPA, subprojeto de química, no qual o pesquisador integra.

Como informantes, teve-se a participação de dois professores de química, ressaltando que, um deles até o presente momento da realização desta pesquisa, encontra-se atuante em turmas inclusivas, ou seja, com a presença de alunos surdos. O segundo professor por meio de uma conversa informal, revelou que nos anos anteriores atuou em turmas inclusivas, sendo assim foi escolhido para participar desta pesquisa.

Tabela 1: Perfil da amostra professor

SÍMBOLO	SEXO	CONCLUSÃO DE CURSO	LECIONA
P1	FEMININO	2003	16 anos
P2	MASCULINO	2003	19 anos

Fonte: Autor, 2019

Tivemos como outros cooperadores para realização desta pesquisa a presença de quatro alunos surdos, todos matriculados em turmas regulares, onde estes dividem-se em turmas de primeira e terceira série do ensino médio.

Tabela 2: Perfil da amostra aluno

SÍMBOLO	IDADE	SEXO	SÉRIE
A1	19	FEMININO	1º MÉDIO
A2	20	MASCULINO	1º MÉDIO
A3	20	FEMININO	3º MÉDIO
A4	19	FEMININO	3º MÉDIO

Fonte: Autor, 2019

Buscando conhecer a realidade do ensino inclusivo de química, elaborou-se um questionário misto, ou seja, abrangendo perguntas abertas e fechadas, onde foram realizados 7 questionamentos para os professores e 7 questionamentos para os alunos surdos disponíveis em anexo, tendo como período de aplicação 18 a 29 de novembro do ano de 2019. Os resultados estarão descritos na análise e interpretação de dados através de tabelas e textos.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste tópico serão apresentados os resultados obtidos a partir da coleta de dados realizada, e por fim analisando-os a fim de se obter respostas sobre o processo de inclusão de alunos surdos (AS) nas aulas de química na rede estadual de ensino. Considerando os professores e alunos, os principais atores no processo de ensino aprendizagem, a partir dos quais a pesquisa teve embasamento.

O processo de inclusão é algo muito complexo, já que para tal, faz-se necessário analisar determinadas situações e opiniões dos personagens ali envolvidos, sendo assim para uma melhor compreensão, os sujeitos foram analisados por categorias e os mesmos são aqui denominados por códigos, como os alunos A1, A2, A3 e A4. E os professores P1, P2.

4.1 Análise dos dados dos alunos

Os alunos foram os integrantes principais para formulação desta pesquisa, pois durante o processo de ensino-aprendizagem o aluno é tido como o receptor do conteúdo, para realização da pesquisa obtivemos um total de 4 informante, equivalente a 100% dos alunos surdos, matriculados em turmas regulares, nas séries do ensino médio da escola (LND).

4.1.1 Inclusão perspectiva dos alunos

Neste tópico serão discutidas as respostas para os seguintes questionamentos realizados com os AS, “Você é fluente em LIBRAS?”, “Você sempre estudou com o acompanhamento de um intérprete ou de professores que se comunicavam com você em Libras?”, “A escola que você estuda hoje (LND) atende suas necessidades enquanto estudante surdo?” e “Você se sente incluído dentro da sala de aula?”

Como resposta para o primeiro questionamento obteve que:

Tabela 3: Pergunta elaborada para alunos da E.E.E.F.M Luiz Nunes Direito, relacionado a comunicação por intermédio da língua de sinais.

Pergunta	Respostas	Percentual (%)
Você é fluente em LIBRAS?	Sim	100%
	Não	0%
Total		100%

Fonte: Autor, 2019

Talvez um dos principais problemas enfrentados por AS matriculados em turmas regulares, no qual este problema pode acarretar em uma exclusão ao invés da inclusão, seja a comunicação, não somente entre aluno e professor no qual ocorre o recebimento de informações, mas também na comunicação geral por parte da turma, tendo em vista que o principal meio de comunicação neste ambiente seja o oral-auditivo, já que a comunicação entre os AS se dá pelo meio viso-espacial, sendo assim foi questionado se os mesmos eram fluentes na língua de sinais (LS), a fim de descobrir se estes detinham a mesma como sua primeira língua, obtendo como resposta unanimemente que todos os entrevistados são fluentes na LS, vale ressaltar que dentre os quatro entrevistados, somente um dos alunos é oralizado, sendo o mesmo a entrevistada A1.

A partir deste ponto entra o segundo questionamento, onde buscou-se conhecer a trajetória destes alunos durante o seu ensino, onde se obteve como retorno que:

Tabela 4: Pergunta elaborada para alunos da E.E.E.F.M Luiz Nunes Direito, relacionado a existência de intérpretes ao longo dos seus estudos.

Pergunta	Respostas	Percentual (%)
Você sempre estudou com o acompanhamento de um intérprete ou de professores que se comunicavam com você em LIBRAS?	Sim	100%
	Não	0%
Total		100%

Fonte: Autor, 2019

Questionou-se aos mesmos se estes sempre estudaram com o auxílio de intérpretes ou professores que buscavam se comunicar através da LS, pois tal questionamento procurou identificar se a lei N^o 12.319 conhecida como lei do intérprete estava sendo cumprida, já que, “Assim, a presença deste profissional traz

uma proposta que ameniza o problema na interação comunicativa entre professor e aluno surdo, pois ele é uma ponte entre: professor, conhecimento e aluno surdo” (MARTINS, 2006). Por meio das respostas obtidas constatou-se através dos participantes, que todos os estudantes sempre estudaram com o acompanhamento de intérpretes ou professores por meio da LS, com isso verificando que tal lei está sendo executada.

Para o terceiro questionamento, obteve-se as seguintes respostas:

Tabela 5: Pergunta elaborada para alunos da E.E.E.F.M Luiz Nunes Direito, relacionado aos meios de inclusão proporcionados pela instituição de ensino.

Pergunta	Respostas	Percentual (%)
A escola que você estuda hoje (LND) atende suas necessidades enquanto estudante surdo?	Sim	100%
	Não	0%
Total		100%

Fonte: Autor, 2019

Em relação a inclusão proporcionada pela escola acerca do ambiente escolar, vale ressaltar o pensamento de Nascimento (2007) no qual este apresenta que:

Para incluir um aluno surdo na escola comum, esta precisa dispor de recursos que tornem viável o processo de inclusão, como por exemplo: Assessoria a língua de sinais (se a criança tiver linguagem oral restrita) e a estratégias adequadas para propiciar o diálogo (na linguagem oral e/ou escrita); material concreto e visual que sirva de apoio para garantir a assimilação de conceitos novos. (NASCIMENTO, 2007)

Por meio das respostas obtidas a este questionamento, onde todos os entrevistados afirmam que a Escola Luiz Nunes Direito está atendendo às suas necessidades em questão, o que poderia promover um ambiente educacional que facilite a aprendizagem de seus AS, porém cabe destacar que durante as observações nem todos esses aspectos foram constatados, já que percebe-se a falta de materiais didáticos adequados para o ensino dos mesmos. Para o último questionamento relacionado a este tópico, obteve-se como respostas:

Tabela 6: Pergunta elaborada para alunos da E.E.E.F.M Luiz Nunes Direito, relacionado ao sentimento de inclusão na sala de aula.

Pergunta	Respostas	Percentual (%)
Você se sente incluído dentro da sala de aula?	Sim	100%
	Não	0%
Total		100%

Fonte: Autor, 2019

Primeiramente vale destacar os seguintes questionamentos: O que de fato é a inclusão destes alunos? Será que é somente ter professores fluentes em libras ou ter um intérprete em sala de aula?

Como já foi destacado anteriormente, a comunicação é um dos maiores problemas enfrentados pelos AS, professores que se comunicam por meio da LS ou intérpretes, solucionam somente o problema de comunicação relacionado ao aprendizado deste aluno, outro ponto relevante é a relação com os demais estudantes tendo em vista que a falta de comunicação com os demais pode acarretar em uma segregação, pois, “essa situação gera uma imagem de integração com realidade exclusiva, onde o aluno Surdo não faz interação social e efetiva com o grupo que está inserido” (GONÇALVES; FESTA, 2013).

Ao responder esta pergunta, os alunos entrevistados afirmam se sentirem incluídos dentro da sala de aula. Através das análises realizadas durante o processo de observação as turmas, constatou-se essa inclusão por meio da relação existente com o professor e demais alunos, mesmo com a dificuldade na comunicação. Por meio de uma conversa informal com alguns dos alunos, foi questionado como ocorria a comunicação entre eles, os mesmos responderam que, ocorre por LS ensinada pelos próprios AS, e quando é apresentado algum sinal que os mesmos não conheçam ou simplesmente não entendem é utilizado a escrita.

4.1.2 Química na perspectiva dos alunos surdos

Neste ponto buscou-se conhecer a perspectiva dos AS acerca da disciplina de Química, sendo assim utilizou-se das seguintes indagações no questionário, “O que você pensa a respeito da disciplina de Química?”, “Você acha importante e/ou interessante estudar química?” e “Em sua opinião, qual a principal dificuldade para aprender Química?”

Para primeira pergunta, O que você pensa a respeito da disciplina de Química? Os alunos responderam todos em comum acordo que a disciplina possui uma grande importância para sua formação acadêmica, obtendo-se respostas de forma escrita muito parecidas, como no caso de A1, A2 e A4, assim cabe ressaltar a resposta de A3, pois o mesmo afirma que a química está presente no cotidiano, onde ela responde que: “Muito importante para nossas necessidades do dia a dia”.

Dando continuidade aos questionamentos realizados aos alunos, obteve-se como respostas para pergunta posterior que:

Tabela 7: Pergunta elaborada para alunos da E.E.E.F.M Luiz Nunes Direito, relacionado a importância do ensino da química.

Pergunta	Respostas	Percentual (%)
Você acha importante e/ou interessante estudar química?	Sim	100%
	Não	0%
Total		100%

Fonte: Autor, 2019

Diante deste questionamento, os estudantes de forma unânime apontam que o ensino da química é importante e interessante, estes acabam reiterando a resposta do questionamento anterior. Em relação ao ensino de química ser algo interessante cabe destacar o pensamento de Schwahn e Neto (2011), onde estes afirmam que:

“Uma ciência até os dias de hoje baseada na observação dos fenômenos químicos, nas reações químicas, na formação de precipitado colorido, na mudança de cor, fazendo com que a mesma esteja baseada no visual” (SCHWAHN; NETO, 2011).

Embora tal pensamento pareça adequado quando tratamos do ensino de educandos surdos, já que essas práticas trazem consigo um apelo visual, podemos perceber que as mesmas se direcionam para contramão do ensino significativo, já que as aulas de química estão resumidas somente aos aspectos visuais, o que poderia induzir ao aluno a acreditar que a química está presente somente no visível, o que traria consigo a dificuldade de identificar a ciência presente em seu cotidiano. Desta forma, cabe somente ao professor buscar estratégias e métodos de ensino que façam com que a ciência esteja mais próxima dos seus alunos.

Para a última pergunta do questionário realizado com os AS, indagou-se os mesmos com o seguinte questionamento: Em sua opinião, qual a principal dificuldade para aprender Química?

De acordo com Saldanha (2011), o ensino de química para AS, torna-se algo muito complexo por diversos fatores, dentre eles podemos citar a falta de material didático para o apoio, metodologias mais eficazes e talvez a principal dificuldade seja a falta de sinais específicos para a química. Diante do exposto, como resposta para o questionamento que busca conhecer as principais dificuldades destes alunos, obteve-se como respostas que:

Entre os entrevistados A1, A2 e A4 as respostas escritas apresentadas foram semelhantes, onde todos relatam que possuem uma certa dificuldade no aprendizado da química, porém não souberam responder especificamente qual seria a sua dificuldade. Já A3, relata que sua principal dificuldade está relacionada aos cálculos.

4.2 Análise de dados dos professores

Como um dos integrantes principais para realização desta pesquisa, já que no processo de ensino-aprendizagem o professor é tido como o transmissor do conteúdo, nessa categoria obtivemos um total de 2 informante (P1 e P2), equivalente a 100% dos professores de química da Escola “Luiz Nunes Direito”.

4.2.1 Pensamento sobre a inclusão

Nesse tópico será abordado sobre o pensamento dos professores a respeito do ensino inclusivo e se na visão dos mesmos as escolas estão preparadas para receber alunos surdos. Sendo assim serão discutidas as respostas dos seguintes questionamentos, “Qual sua opinião a respeito da inclusão de surdos na rede regular de ensino?” e “Para você, as escolas brasileiras estão preparadas para aceitar esses alunos surdos?”.

Como respostas para o primeiro questionamento obtivemos que:

P1: Os alunos são inseridos nas turmas regulares, porém não ocorre a inclusão. Os alunos ouvintes, professores e alguns funcionários não sabem LIBRAS, ou seja, os surdos acabam excluídos pela falta de comunicação.

P2: Muito importante serem inseridos afinal são seres humanos, com certas limitações, mas não devem estar excluídos dos acontecimentos da sociedade pois são seres sociais capazes de serem autores de suas vidas.

Após a análise das respostas dos professores entrevistados, percebemos a abordagem de duas discussões fundamentais quando tratamos do ensino inclusivo, a

primeira delas é desenvolvida pelo P1, onde o mesmo expõe o despreparo de toda uma instituição de ensino, já que o mesmo relata sobre a inserção desses alunos em um meio que a comunicação entre as partes torna-se algo muito difícil, já que em um ambiente onde a comunicação oral é predominante, a comunicação por meio da língua de sinais é deixada em segundo plano “somente para os intérpretes”. A segunda discussão é desenvolvida pela informante P2, onde é ressaltado a importância da inserção desses educandos, já que, pela sua limitação muita das vezes tais alunos são julgados como incapazes e assim acabam sendo excluídos do âmbito educacional.

Como respostas para o segundo questionamento, sobre o fato de, as escolas brasileiras estarem prontas para atender este público alvo, temos que:

P1: A maioria não. No entanto há várias escolas mas a maioria encaminham os alunos para o Luiz Nunes que é conhecido como “referência” no atendimento a alunos surdos.

P2: Não, ainda falta muita estrutura para essa “inclusão”.

A respeito do questionamento torna-se unânime entre os entrevistados de que, grande parte das escolas públicas brasileiras encontram-se despreparadas para receber alunos surdos, vale ressaltar a resposta do P1, que comenta sobre um fato curioso, relacionado a escola Luiz Nunes Direito, onde este destaca o caso de muitos AS serem direcionados a escola em questão, pois a mesma ficou conhecida como “referência” no ensino de alunos surdos, pelo simples fato de “aceitar” esses alunos, o que geralmente não ocorre com as demais escolas.

4.2.2 Formação dos professores

Neste tópico será abordado sobre o perfil de formação dos professores entrevistados, sendo assim serão discutidas as respostas dos seguintes questionamentos, “Durante a faculdade teve alguma disciplina relacionada a educação inclusiva?” e “Você possui curso de especialização em Educação especial?”

Para o primeiro questionamento obteve como respostas que:

Tabela 8: Pergunta elaborada para professores da E.E.E.F.M Luiz Nunes Direito, relacionado a disciplinas inclusivas oferecida pela instituição de ensino formadora dos mesmos.

Pergunta	Respostas	Percentual (%)
Durante a faculdade você teve alguma disciplina relacionada a educação inclusiva?	Sim	0%
	Não	100%
Total		100%

Fonte: Autor, 2019

“É relevante destacar que, de modo geral, a formação recebida pelos professores influencia diretamente no desenvolvimento dos alunos”. (LIBÂNEO, 1998 *apud* PLETSCHE, 2009, p. 149), a partir desse pensamento, correlacionando com a análise das respostas para o questionamento, onde ambos os entrevistados que atuam com educação inclusiva de alunos surdos, afirmam que, durante sua graduação não tiveram contato com nenhuma disciplina a respeito de educação inclusiva, sendo assim como podemos ter uma educação inclusiva de qualidade, sendo que os professores atuantes na área durante seu processo formativo não tiveram contato com práticas e metodologias para atendimento na área, tornando-se evidente o discurso de que os professores encontram-se despreparados para desempenhar sua função, já que tal formação deva ser advinda desde a graduação.

Como último questionamento para este tópico, teve-se como respostas que:

Tabela 9: Pergunta elaborada para professores da E.E.E.F.M Luiz Nunes Direito, relacionado a cursos de especialização na área.

Pergunta	Respostas	Percentual (%)
Você possui curso de especialização em educação especial?	Sim	0%
	Não	100%
Total		100%

Fonte: Autor, 2019

Dando continuidade, foi questionado aos professores se eles possuíam cursos de especialização para o atendimento de educação especial, e outra vez a resposta foi unanimemente em relação, onde os mesmos afirmaram não possuírem qualquer curso de especialização na área, seguindo o pensamento de Ribeiro e Benite (2010), a educação inclusiva deve fazer parte do processo formativo do professor e não como algo a parte de seus estudos.

4.2.3 Ensino de química

Nesta parte buscou-se compreender como é dado o processo de ensino destes alunos, sendo assim, utilizou-se das seguintes perguntas para os professores: “Qual a sua maior dificuldade ao ensinar Química para um aluno surdo?”, “Para estudantes surdos quais as suas principais metodologias de ensino utilizadas em aulas de química?” e por fim, “Como é o processo de avaliação dos alunos surdos?”

Para a primeira pergunta teve-se como respostas que:

P1: A leitura e entendimento dos alunos surdos não é o mesmo dos ouvintes, e muitos conteúdos da química são abstratos e com linguagens específicas. As palavras técnicas são mais difíceis de explicar.

P2: No meu caso, não tenho formação em libras, então preciso de um intérprete.

Os professores durante suas aulas já enfrentam diversas dificuldades, dentre elas podemos citar o domínio de classe, tentar tornar o conteúdo o mais interessante possível para prender a atenção do aluno, problemas esses decorrentes de uma classe regular convencional, além dessas dificuldades os professores de turmas inclusivas enfrentam outros problemas dos quais observamos a partir das respostas do questionamento anterior, onde temos que, o problema mais corriqueiro dentre os docentes com AS em sua turma, seja a comunicação para transmissão de conteúdo, sendo relatado por ambos os entrevistados, porém de maneiras distintas, tendo que P2 de forma clara expressa que, não possui formação em libras, declarando sua necessidade por um intérprete, já o P1, demonstra uma enorme percepção acerca de seus alunos, onde destaca que a aprendizagem dos alunos surdos acaba se dando de maneira diferenciada dos demais, complementando que, a química em diversos aspectos tornasse uma ciência abstrata e com uma linguagem de difícil compreensão.

Dando continuidade, o próximo questionamento buscou identificar os principais métodos utilizados pelos mesmos durante suas aulas.

Para um professor integrante do ensino inclusivo, um outro problema enfrentado pelo mesmo, seja de tentar conciliar metodologias que sejam eficazes para a diversidade de alunos integrante de sua sala de aula, já que pela questão do tempo, o professor tem um curto período para tentar repassar o conteúdo, neste caso para alunos surdos e ouvintes.

Nesse aspecto vale ressaltar o pensamento de Pletsch (2009)

Resumindo, podemos dizer que o professor deve valorizar a diversidade como aspecto importante no processo de ensino-aprendizagem. Além disso, necessita ser capaz de construir estratégias de ensino, bem como adaptar atividades e conteúdos, não só em relação aos alunos considerados especiais, mas para a prática educativa como um todo, diminuindo, assim, a segregação, a evasão e o fracasso escolar. (PLETSCH, 2009)

Sendo assim, como respostas para o questionamento, obteve-se que:

P1: Não tenho curso de especialização para o atendimento, mas faço o meu possível para ensinar o conteúdo, utilizando mímica, desenhos, analogias e um pouco de LIBRAS que os próprios alunos surdos me ensinam.

P2: Uso de aulas práticas que tenham apelo das sensações, cor, calor, texturas, que sejam percebidas através das aulas e o conceito absorvidos pelo aluno, também o uso de imagens em apostilas e slides, o uso de vídeos é um recurso que contribui com o interesse por conta do visual.

Através da análise das respostas podemos identificar que, ambos os professores mesmo com suas limitações a respeito do ensino de AS, procuram estabelecer metodologias que busquem atender as necessidades desses estudantes, tendo como relação entre as metodologias dos mesmos, seja o apelo visual, como desenho, imagens e vídeos.

Por fim, como último questionamento e a análise das respostas, foi possível identificar as práticas avaliativas desenvolvidas pelos professores participantes, sendo elas:

P1: Os alunos fazem atividades avaliativas como exercícios, que fazem com acompanhamento e realizam as provas em salas que tem intérpretes que auxiliam no entendimento das questões.

P2: Normal, como os demais, procurava incentivá-los a fazer as atividades e somente a prova, vinha com mais imagens para acrescentar entendimento da questão para resolução.

Segundo Corrêa, Nascimento e Vieira (2016), ao fazermos uso da língua escrita, deixamos de avaliar de forma adequada tais alunos, sendo que os mesmos tem como primeira língua a libras e segunda a língua escrita portuguesa, sendo que nesta os mesmos apresentam um baixo desenvolvimento.

Com base nas respostas dos participantes, podemos identificar que P1, busca avaliar seus alunos junto ao intérprete, levando em consideração que este auxílio visa facilitar a compreensão, tendo em vista que tais alunos não possuem domínio acerca da escrita, para P2 as avaliações são realizadas de forma convencional com os demais alunos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa surgiu a partir da hipótese de que, possivelmente o ensino inclusivo ofertado não estaria oferecendo elementos básicos que tornassem viável o ensino de química para alunos surdos. Durante o trabalho constatou-se que a escola oferecia tais elementos básicos sendo estes fundamentais para o ensino dos mesmos, e assim contrariando a hipótese de que tais elementos não estariam sendo cumpridos.

Embora a escola possua os elementos básicos necessários para ocorrência deste ensino inclusivo, ainda sim faz-se necessário um aprimoramento, pois outros elementos ainda faltam serem incorporados, para que alcance um maior êxito na educação desses educandos.

A pesquisa de cunho qualitativo foi realizada a partir de observações efetuadas e a aplicação de questionários contendo perguntas abertas e fechadas, para dois professores de química e quatro alunos surdos da escola estadual “Luiz Nunes Direito”, a partir destes questionários, foram possíveis coletar dados como: se elementos necessários para efetuar tal inclusão estavam sendo oferecidos, a visão dos educandos surdos a respeito da disciplina de química, o perfil formativo e profissional destes educadores e as principais dificuldades durante o processo de ensino-aprendizagem.

Como em qualquer pesquisa correm determinados empecilhos, assim surgem as limitações do trabalho, e com essa não foi diferente, dentre elas temos que, o presente trabalho não contemplou outros personagens, sendo eles, intérpretes de libras e os demais alunos ouvintes.

Um outro ponto está ligado a elaboração das perguntas direcionadas aos alunos surdos, pois o questionário optou por algumas perguntas abertas, esperando obter a opinião destes alunos em determinados assuntos, porém no decorrer do

trabalho, foi constatado a limitação em relação a escrita desses estudantes, assim limitando sua expressão.

Embora esta pesquisa tenha cumprido seu objetivo, de analisar o ensino inclusivo nas aulas de química sob o olhar de professores e alunos, recomenda-se a participação dos outros personagens citados anteriormente, tendo em vista que os mesmos possuem ligação direta neste processo inclusivo, possuindo uma visão própria a respeito do mesmo.

Outra recomendação indispensável, ocorre na elaboração dos questionários, pois ao se trabalhar com um público que detém o português, principalmente a escrita como sua segunda língua, faz-se necessário a elaboração de perguntas mais objetivas e claras.

REFERÊNCIAS

ALVES, C.; FERREIRA, J. P.; DAMÁZIO, M. F. M. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: Abordagem Bilíngue na Escolarização das Pessoas com Surdez**. Brasília: MEC/SEESP/UFC, 2010. Disponível em: http://historiadabncc.mec.gov.br/documentos/biblioteca/Colecao_Educacao_Especial_Fasciculo_4.pdf. Acesso em 12 out. 2019.

AMARO, A.; PÓVOA, A.; MACEDO, L. **A arte de fazer questionários**. Porto, Portugal: Faculdade de Ciências da Universidade do Porto; 2004/2005. Disponível em: <http://www.mobilizadores.org.br/wp-content/uploads/2015/03/A-arte-de-fazer-question%C3%A1rios.pdf>. Acesso em 02 dez. 2019.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial da União**, Brasília, 23 dez. 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 11 out. 2019.

BRASIL. **Declaração de Salamanca**: sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais. Brasília: CORDE, 1994. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em: 11 out. 2019.

BRITO, M. de. **Inclusão do surdo na escola regular**. 2013. 41 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2013. Disponível em: http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4416/1/MD_EDUMTE_2014_2_66.pdf. Acesso em 05 out. 2019.

CARVALHO, R. E. **Temas em educação especial**. Rio de Janeiro: WVA, 1993

CORREA, A. M. S.; NASCIMENTO, A. J. B.; VIEIRA, M. L. A. A avaliação do aluno surdo na escola regular. **Revista de Pesquisa Interdisciplinar**, Cajazeiras, v. 1, Ed. Especial, 20-29, set/dez. de 2016. Disponível em: <http://revistas.ufcg.edu.br/cfp/index.php/pesquisainterdisciplinar/article/view/64>. Acesso em: 04 dez. 2019

CRUZ, S. R.; ARAUJO, D. A. C. A história da educação de alunos com surdez: ampliação de possibilidades?. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 29, n. 55,

p. 373-384, maio/ago. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/18832>. Acesso em: 04 out. 2019.

DILLI, K. S. **A inclusão do surdo na educação brasileira**. 2010. 83 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Serviço Social). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010. Disponível em: <http://tcc.bu.ufsc.br/Ssocial290999.pdf>. Acesso em: 18 set. 2019.

GALETTO, A. A. K.; et al. A inclusão de educandos surdos no espaço escolar: Um estudo de caso. **Revista eletrônica do curso de pedagogia das faculdades OPET**. Ed. 6, n 11, p. 81-95, 2016. Disponível em: <http://www.opet.com.br/faculdade/revista-pedagogia/pdf/n11/artigo6.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2019.

GOLDFELD, Marcia. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista**. 2ª ed. São Paulo: Plexus, 1997. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=bM_MhU5SUWsC&pg=PA2&ots=iUVhxmc608&dq=A%20crian%C3%A7a%20surda%3A%20linguagem%20e%20cogni%C3%A7%C3%A3o%20numa%20perspectiva%20s%C3%B3ciointeracionista&hl=pt-BR&pg=PA32#v=onepage&q=A%20crian%C3%A7a%20surda:%20linguagem%20e%20cogni%C3%A7%C3%A3o%20numa%20perspectiva%20s%C3%B3ciointeracionista&f=false. Acesso em: 18 set. 2019

GONÇALVES, H. B.; FESTA, P. S. V. Metodologia do professor no ensino de alunos surdos. **Revista eletrônica do curso de pedagogia das faculdades OPET**. Ed. 6, n 5, p 1-13, 2013. Disponível em: <http://www.opet.com.br/faculdade/revista-pedagogia/pdf/n6/ARTIGO-PRISCILA.pdf>. Acesso em: 02 dez. 2019.

LACERDA, C. B. F. de. **A inclusão escolar de alunos surdos: o que dizem alunos, professores e intérpretes sobre esta experiência**. *Cad. CEDES* [online]. 2006, vol.26, n.69, pp.163-184. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32622006000200004>. Acesso em: 04 dez. 2019.

LIBÂNIO, J. C. **Adeus professor, adeus professora?: Novas exigências educacionais e profissão docente**. São Paulo: Cortez, 1998.

LIMA, E. W. G., MELLO, R. S. **LETRAMENTO E SURDEZ NO ENSINO MÉDIO: O que dizem os professores**. *Revista Teias (UERJ. Online)*, v. 18, n. 49, 2017. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/26474>. Acesso em: 27 dez. 2019.

LUZ, E. R. da. **O Ensino de Química para Surdos: Uma análise a partir da triangulação de dados**. 2016, 60 f. Trabalho de Conclusão do Curso (Licenciado em Química). Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Anápolis, 2016. Disponível em: <https://www.ifg.edu.br/attachments/article/1704/TCC%20-%20Eloisa%20Rodrigues%20da%20Luz.pdf>. Acesso em: 29 set. 2019.

MARTINS, V. R. O. Implicações e conquistas da atuação do intérprete de língua de sinais no ensino superior. **Educação Temática Digital**, Campinas, v.7, n.2, p.157-166, jun. 2006. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/800>. Acesso em 02 nov. 2019

MOREIRA, C. J. M.; SILVA, T. V. Educação de surdos: reflexões sobre as diferenças culturais e identitárias. **Revista Cocar**, v. 7, n.13, p. 50-58, 2013. Disponível em: <https://paginas.uepa.br/seer/index.php/cocar/article/view/241>. Acesso em: 30 set. 2019.

MOURA, M. C. **O Surdo: caminhos para uma nova identidade**. Rio de Janeiro: Revinter, 1999.

NASCIMENTO, L. M. do. Cadernos de Estudos: educação especial. Centro Universitário Leonardo da Vinci. Indaial: UNIASSELVI, 2007. 130 p.

PLETSCH, M. D. A formação de professores para a educação inclusiva: legislação, diretrizes políticas e resultados de pesquisas. **Educar**, Curitiba, n. 33, p. 143-156, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n33/10.pdf>. Acesso em: 27 out. 2019.

POZZER, A. **A inclusão de alunos surdos em escola regular e os desafios para a formação de professores**. 2015. 58 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Educação, Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões-Uri, Frederico Westphalen, 2015. Disponível em: <http://www.fw.uri.br/NewArquivos/pos/dissertacao/dis-94.pdf>. Acesso em: 27 out. 2019.

RIBEIRO, E. B. V.; BENITE, A. M. C. A educação inclusiva na percepção dos professores de química. **Ciência & Educação**, v. 16, p. 585-594, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v16n3/v16n3a06.pdf>. Acesso em: 04 dez. 2019.

ROMUALDO, A. K. G.; BEZERRA, A. L. A.; CARLOS, J. G. Formação De Professores Para Educação Inclusiva: Interface entre a Legislação e a Prática. In: Fórum Internacional de Pedagogia, 8., 9-12 nov. 2016, Imperatriz. **Anais eletrônicos**. Disponível em: https://editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/TRABALHO_EV057_MD1_SA6_ID4595_30092016215434.pdf. Acesso em: 22 de novembro de 2019.

ROSA, D. G. **Educação e surdez: em defesa da língua de sinais para a inclusão social dos surdos**. 2013. 53 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <http://www2.unirio.br/unirio/cchs/educacao/graduacao/pedagogia-presencial/DanielleGomesdaRosa.pdf>. Acesso em: 16 set. 2019

SÁ, N.R.L. de. **Cultura, poder e educação de surdos**. São Paulo: Paulinas, 2006.

SALDANHA, J. **O ensino de Química em Língua Brasileira de Sinais**. 2011. 160 f. Dissertação (mestrado em ensino de ciências) - Universidade do Grande Rio, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/190706>. Acesso em: 20 set. 2019

SACKS, O. **Vendo vozes: uma jornada pelo mundo dos surdos**. Rio de Janeiro: Imago, 1989. Disponível em: <https://pt-static.z-dn.net>. Acesso em: 29 set. 2019

SCHWAHN, M. C. A.; NETO, A. S. A. **Ensinando química para alunos com deficiência visual: uma revisão de literatura**. VIII ENPEC- Encontro Nacional de Pesquisa de Educação e Ciências e I CIEC- Congresso Iberoamericano de

Investigación em Enseñanza de las ciências. Campinas, SP, 2011. Disponível em: www.nutes.ufrj.br/abrapec/viiienpec/resumos/R1557-1.pdf. Acesso em 02 nov 2019.

SILVA, C. D. B. da.; et al. LIBRAS NAS UNIVERSIDADES: MOTIVAÇÕES, EXPECTATIVAS NA APRENDIZAGEM. In: EDUCERE, 13., 28-31 ago. 2017, Curitiba. **Anais eletrônicos.** Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/23538_12388.pdf. Acesso em: 29 nov. 2019.

SILVA, F. U. da. O olhar do outro sobre a diferença surda: representações sobre os surdos e a surdez. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA, 2., 16 a 18 nov. 2016. **Anais...** Campina Grande: Cintedi, 2016. Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/cintedi/trabalhos/TRABALHO_EV060_MD1_SA7_ID3995_23102016212439.pdf. Acesso em: 24 out. 2019.

SILVA, L. S.; BENASSI, C. A. **A INCLUSÃO ESCOLAR DE SURDOS E O ENSINO DE LIBRAS.** In: Mostra Acadêmica de Estudos de Libras, 2014. Cuiabá. Disponível em: Acesso em: 24 out. 2019.

SILVA, M. C. da. **A Inclusão do Aluno Surdo no Ensino Regular na Perspectiva de Professores de Classes Inclusivas.** 2009, 67f. Monografia (especialista em Educação Especial: Estudos Surdos). Faculdade Santa Helena, Recife. Disponível em: <http://www.suvag.org.br/arquivos/mcs.pdf>. Acesso em: 18 out 2019.

SILVA, O. A. da. **A Formação do Professor na Perspectiva Inclusiva:** conhecer as necessidades educacionais especiais para transformar. 2014. 24 f. Trabalho de (obtenção de título de Professor/PDE) - Universidade Estadual do Norte do Paraná, Quatiguá, 2014. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernos/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_uenp_edespecial_artigo_odete_aparecida_da_silva.pdf. Acesso em: 22 out. 2019

SOUZA, P. Educação de surdos no Brasil: uma narrativa histórica. In: CONEDU – CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 5., 2018, Olinda. **Anais...** Olinda, 2018. [p. 4-5, s/ ref.]. Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV117_MD1_SA3_ID9436_09092018120254.pdf. Acesso em: 03 nov. 2019.

STROBEL, K. L. **A visão histórica da in(ex)clusão dos surdos nas escolas.** Educação temática digital. v. 7, n. 2, p. 244-252, 2006. Disponível em: <https://www.ssoar.info/ssoar/handle/document/10174>. Acesso em: 30 out 2019.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda.** 2. ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2009. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/download/189/180>. Acesso em: 30 out 2019.



Serviço Público Federal
Universidade Federal do Pará
Campus Universitário de Ananindeua
FACULDADE DE QUÍMICA

IDENTIFICAÇÃO

Qual é o seu sexo?

() Feminino () Masculino

Em que ano concluiu sua graduação?

.....

Há quantos anos você leciona?

.....

1- Qual sua opinião a respeito da inclusão de surdos na rede regular de ensino?

.....
.....
.....

2- Para você, as escolas brasileiras estão preparadas para aceitar esses alunos surdos?

.....
.....
.....

3- Durante a faculdade teve alguma disciplina relacionada a educação inclusiva?

Não () Sim () Se sim, qual?

.....

4- Você possui curso de especialização em Educação especial?

Não () Sim () Se sim, qual?

5- Qual a sua maior dificuldade ao ensinar Química para um aluno surdo?

.....
.....
.....

6- Quais as suas principais metodologias de ensino utilizadas em sala para o ensino de Química a estudantes surdos?

.....
.....
.....

7- Como é o processo de avaliação dos alunos com surdez?

.....
.....
.....



Serviço Público Federal
 Universidade Federal do Pará
 Campus Universitário de Ananindeua
 FACULDADE DE QUÍMICA

IDENTIFICAÇÃO

Qual é o seu sexo?

() Feminino () Masculino

Qual a sua idade?

.....

Qual série você está cursando?

.....

1- Você é fluente em LIBRAS?

() Não () Sim

2- Você sempre estudou com o acompanhamento de um intérprete ou de professores que se comunicavam com você em Libras?

() Não () Sim

3- A escola que você estuda hoje (LND) atende suas necessidades enquanto estudante surdo?

() Não () Sim

4- Você se sente incluído dentro da sala de aula?

Não () Sim ()

5- O que você pensa a respeito da disciplina de Química?

.....

.....

.....

6- Você acha importante e/ou interessante estudar química?

() Não () Sim

7- Em sua opinião, qual a principal dificuldade para aprender Química?

.....

.....

.....